



Você está recebendo o Boletim Digital semanal da FENATTEL, que também irá circular com edições extras de acordo com a dinâmica do movimento sindical dos trabalhadores em Telecom.

Desigualdade entre gêneros persiste no mercado de trabalho



Imagem: Google

As mulheres são 51,2% do total da população brasileira (97,34 milhões), enquanto os homens representam 49,2% (93,40 milhões). Em dez anos, a população feminina cresceu mais que a masculina, 12,9% contra 11,76%. Os dados foram coletados pela Subseção do DIEESE na FENATTEL.

Ao longo do período de 1995 a 2015, os domicílios chefiados por mulheres cresceram de 23% para 40%. A percepção das mulheres mudou em relação ao seu papel no domicílio. Elas se identificam como chefes, ou seja, responsáveis pelo lar.

Das famílias chefiadas por mulheres, em 34% delas, há a presença de cônjuge, mas tem crescido o patamar de domicílios em que as mulheres não têm cônjuges e têm filhos/as.

O tipo mais tradicional de arranjo familiar, formado por casal com filhos, respondia por 58% dos domicílios em 1995. Em 2015, esse percentual cai para 42% e aumenta significativamente o número de domicílios com uma única pessoa

(14,5%) e também o de casais sem filhos (19,9%).

As mulheres com 12 anos ou mais de estudo já são maioria no Brasil, representando 20,2%, contra 16,7% dos homens. Os dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) 2015 indicam as mulheres com mais escolaridade do que homens, onde 26,4% possui Ensino Superior Completo, enquanto eles representam 14,1% com este nível de formação.

Historicamente, as mulheres se inseriram mais tardiamente no mercado de trabalho. Nesse sentido, apesar das mulheres representarem a maioria da população brasileira, sua presença no mercado de trabalho formal corresponde a apenas 43,5% da população economicamente ativa.

A taxa de participação feminina, que indica a parcela das mulheres disponíveis para o mercado de trabalho, entre 1995 e 2015 oscilou pouco, ficando em torno de 54/55%. Isto significa que quase metade das mulheres em idade de trabalhar está fora do mercado de trabalho.

Esses dados se devem, conhecidamente, às remunerações menores que as masculinas, ocupações mais precárias e ausência ou insuficiência de serviços públicos que liberem as mulheres dos cuidados e das tarefas domésticas. Isso evidencia as dificuldades de inserção e permanência da mulher no mercado de trabalho.

Desemprego entre elas

As mulheres são as que mais sofrem com o desemprego, em relação aos homens. Em 2015, a

taxa de desocupação feminina era de 11,6%, enquanto a dos homens foi de 7,8%.

Segundo pesquisa do DIEESE, de Emprego e Desemprego, as taxas de desemprego feminino são sempre superiores às taxas masculinas. Em São Paulo, por exemplo, enquanto os homens apresentaram taxa de desemprego de 15,5%, as mulheres alcançaram a taxa de 18,3% em 2016.

Remuneração inferior

O rendimento das mulheres manteve-se inferior ao dos homens em todas as regiões pesquisadas pelo DIEESE. O confronto do rendimento pago por hora revela a desigualdade da valoração do trabalho entre os gêneros.

As mulheres receberam, em 2016, 84% do valor do rendimento por hora dos homens na Região Metropolitana de São Paulo. Supondo que um homem receba R\$ 100 por hora, a mulher recebeu R\$ 84.

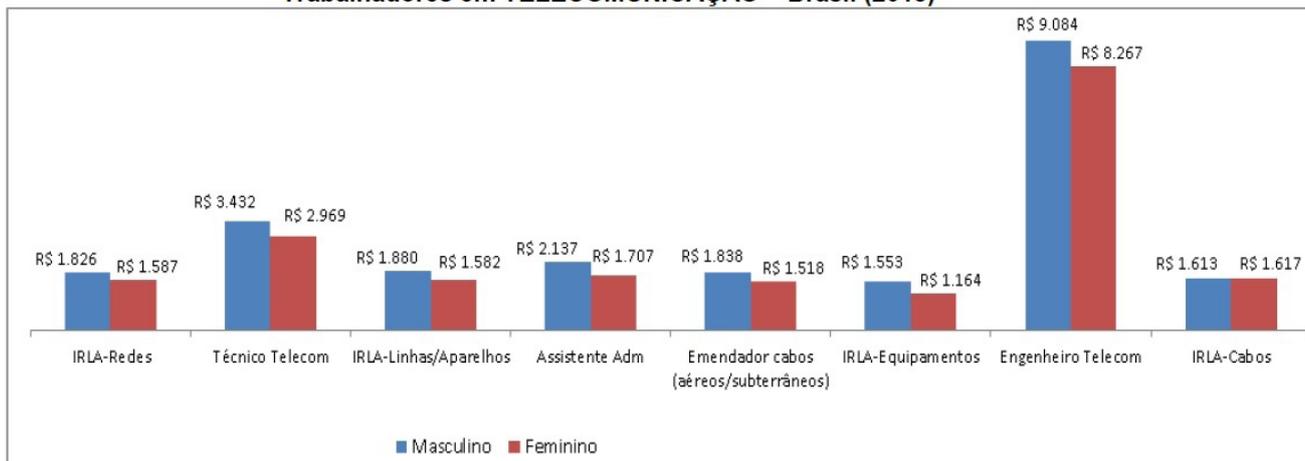
Dupla Jornada

Há maior presença feminina na jornada de trabalho parcial. Os homens, em média, têm jornadas de trabalho mais extensas. Isso mostra que os cuidados com a família e o lar, atribuições histórica e socialmente reservadas às mulheres, refletem na menor disponibilidade delas para exercer jornada integral de trabalho.

As responsabilidades familiares dificultam a inserção e dedicação das mulheres às atividades produtivas desenvolvidas no mercado de trabalho, nas possibilidades de investimento e

Remuneração média (R\$) de homens e mulheres, nas mesmas ocupações e com igual jornada de trabalho

Trabalhadores em TELECOMUNICAÇÃO – Brasil (2015)



Fonte: RAIS 2015 – MTE.

crescimento profissional.

Os dados da PNAD reafirmam que a responsabilização das mulheres pelo trabalho doméstico não remunerado continua sendo padrão predominante na sociedade brasileira: mais de 90% delas declararam realizar atividades domésticas, diferentemente dos homens, em que somente 53% declararam realizar essas atividades.

Importante ressaltar que as mulheres que estão no mercado de trabalho continuam responsáveis por tarefas domésticas não remuneradas, levando à chamada "dupla jornada". Ao avaliar a soma dos afazeres do lar à jornada de trabalho, as mulheres se dedicam mais horas. Em 2015, a jornada total semanal delas superou em 7,5 horas a dos homens.

Mulheres no setor de Telecom

Em 2015, o total de trabalhadores

no setor de telecomunicações no Brasil (operadoras/prestadoras e teleatendimento) foi de 655.397, segundo a RAIS, onde as mulheres são maioria e representam 398.930 (61%), e os homens são 256.397 (39%).

Em relação ao rendimento médio, as trabalhadoras de operadoras e prestadoras recebem 22,8% a menos do que os homens, mesmo com jornada praticamente igual à masculina.

As diferenças salariais entre homens e mulheres podem variar de 9% (no caso da ocupação de Engenheiro de telecomunicações) a 25% a menos (ocupação IRLA-equipamentos, instalador/reparador).

Com um contingente total de mais de 463 mil trabalhadores em teleatendimento, as mulheres são maioria (71%) e estão empregadas principalmente nas regiões Sudeste (62%) e Nordeste (24%). Caracterizam-se por serem jovens,

65,7% tem 18 a 29 anos, e com Ensino Médio completo (79%).

A remuneração média das teleoperadoras é inferior a dos homens, mesmo com jornada de trabalho praticamente igual entre ambos. A diferença de jornada é de apenas 1 hora semanal, mas a remuneração é inferior em 21,3%.

As diferenças de remuneração também são percebidas ao comparar mesma ocupação e jornada. A ocupação de operador ativo/receptivo possui diferença de 5,5%, enquanto as telefonistas enfrentam maior diferença salarial, de 20,2% inferior aos homens.

Como se pode observar, o tratamento desigual em todas as instâncias é sempre no sentido de desfavorecer as mulheres. Muitas das desvantagens estão nas próprias formas de inserção das mulheres, impactando sua trajetória e permanência no mercado de trabalho.

Diferenças de remuneração entre homens e mulheres, nas mesmas ocupações e com igual jornada

Trabalhadores em TELEATENDIMENTO – Brasil (2015)



Fonte: RAIS 2015 – MTE.

Elaboração: DIEESE – Subseção FENATTEL